

**A LINGUAGEM NAS DANÇAS DE MATRIZES
INDÍGENAS E AFRICANAS CONFORME
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**

Priscilla Gonçalves de Azevedo (UENF)

prigoncalves78@gmail.com

Jhonatan da Silva Martins (UENF)

jhonatan_martins19@hotmail.com

Rackel Peralva Menezes Vasconcellos (UENF)

pmvrackel@gmail.com

Fernanda Rodrigues Guedes Gomes (UENF)

fguedsgomes@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a Lei nº 11.645/08, incluindo elementos históricos e culturais, buscando trazer elementos da linguagem, bem como saberes sobre as danças de matriz africana e indígena no contexto da Educação Física escolar. A dança como linguagem possibilita vivências e expressões por meio do movimento, utilizando o corpo como objeto de comunicação e elemento cultural. A linguagem das danças de matrizes indígenas e africanas é tratada especialmente nos 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental, como uma temática da Educação Física Escolar, incluída na área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Sobre essas danças, os conteúdos apresentam-se por meio de manifestações da linguagem, reconhecidas socialmente, possibilitando a criação e a consciência corporal, corroborando a importância da cultura indígena e africana como identidade social. Para desenvolvimento desse exposto, foi utilizada como estratégia metodológica uma pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica, trazendo o entendimento sobre a linguagem nas danças de matriz indígena e africana, de acordo com a BNCC. Nesse sentido, entendemos a relevância das danças de matriz indígena e africana enquanto elemento de identidade, dando enfoque aos aspectos culturais, bem como elemento constituinte de símbolos e significados. Portanto, torna-se fundamental a difusão de trabalhos que favoreçam diferentes abordagens sobre a linguagem por meio das danças indígenas e africanas.

Palavras-chave:

Linguagem. Lei nº 11.645/08. Danças indígenas e africanas.

ABSTRACT

This work seeks to understand the Law no. 11.645/08, including historical and cultural elements, seeking to bring elements of language, as well as knowledge about African and indigenous dances in the context of scholar Physical Education. Dance, as a language, enables experiences and expressions through movement, using the body as an object of communication and cultural element. The language of dances of indigenous and African matrices are treated especially in the 3rd, 4th and 5th years of elementary school, as part of scholar Physical Education, included in the area of languages, codes

and their technologies, according to the National Base Common Curriculum – BNCC (BRAZIL, 2018). About these dances, the contents are presented through language manifestations, socially recognized, enabling the creation and body awareness, confirming the importance of indigenous and African culture as social identity. To develop the above, a qualitative research was used as a methodological strategy, through a literature review, bringing the understanding of language in indigenous and African dances, according to the BNCC. In this sense, we understand the relevance of dances of indigenous and African matrix as an element of identity, focusing on cultural aspects, as well as a constituent element of symbols and meanings. Therefore, it is essential to disseminate works that favor different approaches to language through indigenous and African dances.

Keywords:

Language. Law no. 11645/08. Indigenous and African dances.

1. Introdução

A linguagem corporal e musical discorrida em relação à cultura apresenta-se dotada de simbolismos, significados e particularidades que revelam os modos pelos quais o homem se relaciona, interage, compreende e organiza-se socialmente.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a Lei nº 11.645/08, buscando trazer elementos da linguagem, bem como saberes sobre as danças de matriz indígena e africana no contexto da Educação Física escolar.

A linguagem, por meio da dança, possibilita vivências e expressões através do uso do movimento, bem como a utilização do corpo como objeto de comunicação e elemento cultural. Nesse sentido, a linguagem das danças de matrizes indígenas e africanas é tratada especialmente nas práticas corporais nos 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental, como uma das temáticas da Educação Física Escolar, incluída na área de linguagens, códigos e suas tecnologias, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Como estratégia metodológica, foi utilizada uma pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica, trazendo o entendimento sobre a linguagem nas danças de matriz indígena e africana, ainda de acordo com a BNCC.

A pesquisa bibliográfica é aplicada em qualquer trabalho científico, oportunizando ao pesquisador o acesso ao conhecimento já produzido em determinada temática (Cf. GIL, 2002).

Como resultados, obtivemos representações de linguagem como expressões culturais de matrizes indígenas e africanas e seu elo de ligação com a língua portuguesa em algumas palavras utilizadas atualmente, mostrando que a língua é heterogênea e sistematizada pela gramática.

2. A linguagem na história e cultura indígena e afro-brasileira

A Lei nº 11.645/08 traz diferentes questões que antes eram silenciadas ou ignoradas pela comunidade escolar. Nesse contexto, é importante ressaltar a valorização e o reconhecimento da pluralidade da sociedade brasileira, que é formada por diferentes histórias e culturas, que também estão presentes no ambiente da escola.

A valorização da diversidade brasileira requer mudança de pensamentos, posturas, discursos e atitudes que implicam justiça, direitos sociais, civis, culturais e econômicos. Busca-se desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira, ou seja, deixar de difundir a crença afirmada por Ulisses e Araújo *et al.* (BRASIL, 2007) abaixo:

[...] se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros (BRASIL, 2007, p. 32)

A lei que explicita o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, bem como a educação das relações étnico-raciais, propõe seu desenvolvimento nas escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo especialmente nas disciplinas de Artes, Literatura e História do Brasil. Entretanto, não há prejuízo às demais, as quais podem apropriar-se do tema nas diversas atividades curriculares do contexto escolar. Assim, serão promovidas a valorização e a compreensão da oralidade, da corporeidade, da história das raízes indígenas e africanas, da escrita e da leitura. Assim sendo, a lei expressa (Cf. BRASIL, 2017):

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da popula-

ção brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2017, p. 21)

Entre os povos indígenas e africanos, as crenças, rituais e cerimônias se mantêm por meio das forças da natureza e dos espíritos ancestrais. A memória cultural e a tradição oral possibilitam a organização entre as comunidades, estabelecendo vínculos e preservando a cultura. Dessa forma, há o fortalecimento da identidade étnico-racial (Cf. SILVA, 2018).

No estudo de Castilho (2015), no que se entende por língua e linguagem, considera-se a abordagem da língua como uma atividade social, e como uma importante teoria linguística. Para o autor, as palavras são consideradas atividades mentais, já a língua é um “objeto escondido”, que possui variáveis, segundo seu estudo por meio de Saussure, o fundador da Linguística moderna. Este ainda ressalta que existe uma análise do código da palavra, articulada por meio da língua, bem como suas competências consideradas apenas como do falante. Nas palavras, ou no que encontramos nelas, as percepções, símbolos e significados das coisas são estabelecidas através de suas diferenças, entre a realidade delas e de outras coisas comparáveis a elas.

Segundo Menezes (2021), falar sobre a linguagem indígena é reconhecer a riqueza em contextualizar os jogos e as brincadeiras por meio de palavras que utilizamos no nosso dia a dia, ou seja, muitas das palavras da língua portuguesa são de origem indígena: *tamanduá, sagui, guaraná, jacaré, pipoca, perereca, taquara, piranha, capivara, arara, urubu, tucano, paca, abacaxi*, entre tantas outras.

Da mesma forma, podemos remeter aos elementos simbólicos africanos, explicitando sobre os bantu, termo utilizado para se referir ao tronco linguístico que deu origem a outras línguas no Centro-sul do continente africano. Os bantus foram os povos mais numerosos a chegar no Brasil na escravidão, vindos de Angola, do Congo e de Moçambique. Várias palavras em língua portuguesa têm origem bantu, entre elas: *caçula, dengo, cafuné, moleque, quitanda, fubá* (CARVALHO, 2020).

Na expressão de origem afro-brasileira do jongo, por exemplo, uma dança de roda e de umbigada, que consiste em um casal por vez indo para o centro da roda girando em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e, de vez em quando, um casal se aproxima um do outro, como se fossem dar uma umbigada, mas não chegando a se tocar. Na língua africana quimbundo, de origem bantu, *semba* significa umbigada e deu origem à palavra samba. Quem canta primeiro é o solista, com versos livres, improvisados, os demais respondem o refrão. As frases são curtas e falam do contato com a natureza, do cotidiano, do trabalho braçal nas fazendas e a revolta com a opressão sofrida (Cf. ALTOÉ, 2016).

Para Peirce (2005), qualquer coisa que represente outra é considerada um signo, e esse signo deve representar algo, produzido por um processo relacionado à sensação, ao sentimento, com a ideia de proporcionar a dualidade do outro, produzindo diversas interpretações.

Nessa perspectiva, nos signos representados pela língua enquanto atividade social, é sugerido que o entendimento que a dança, por meio da linguagem corporal de uma maneira mais ampla, vislumbra-se na expressão do corpo e do uso da língua nos vocabulários representados pelas danças e músicas indígenas e africanas. Nessa concepção, a língua de forma social, utilizada de forma interdisciplinar, manterá um contato direto com outras disciplinas, entre elas a Educação Física.

3. As danças de matrizes indígenas e africanas na educação física

As danças de matrizes indígenas e africanas são expressões de caráter artístico e cultural que compõem a nossa cultura popular e podem ser consideradas uma tradução dos povos, bem como são parte constituinte da memória e da história brasileira. Suas principais características compõem os costumes, as tradições, a mitologia, o folclore, a língua (falada e escrita), a culinária, a música, a dança, a religião, enfim, a cultura e a diversidade brasileiras.

Nesse sentido, as danças indígenas acontecem geralmente em formas circulares, com joelhos fletidos batendo um dos pés no chão, o tronco levemente flexionado para frente e há compasso binário para marcar o ritmo da música. As diferentes direções de movimentos se fazem presentes a partir do momento que os participantes saem em filas e fileiras se deslocando conforme seus cantos, que muitas das vezes são rituais de ligação com os ancestrais e a natureza, promovendo a interação entre

as comunidades e fortalecendo a manutenção das tradições culturais, afirmando suas identidades. Nas danças africanas também há, muitas vezes, a formação de grandes círculos, semicírculos ou fileiras e várias gerações da comunidade participam. Há rituais que promovem a ligação do espírito com a terra, portanto, essas danças são executadas com os pés descalços e o ritmo é considerado um componente de passagem para o mundo espiritual (Cf. BRAYNER, 2012).

As influências indígenas e africanas estão presentes em várias expressões culturais nos dias atuais como o samba de roda, o jongo, o caboclinhos, a Mana-Chica do Caboio, o toré, carimbó, maxixe, maculelê, maracatu, etc.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. O objetivo de unir essas disciplinas é proporcionar aos alunos a participação nas práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam expandir suas competências expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, bem como seu entendimento sobre essas linguagens, dando seguimento às experiências vivenciadas desde a Educação Infantil. Há, portanto, a necessidade de reconhecer que o processo escolar deve ser contínuo, mantendo as características das atividades em torno do lúdico e do brincar. A BNCC cita a Educação Física ligada à colaboração com a leitura e a escrita, como a seguir:

Diante do compromisso com a formação estética, sensível e ética, a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes. (BNCC, 2018, p. 224)

Conforme a BNCC (2018) a temática dança explora os movimentos e os ritmos integrados a coreografias, que podem ser realizadas individualmente, em duplas ou em grupos. Nesse sentido, desenvolve a identificação dos diferentes movimentos em relação às peculiaridades de cada tradição, por meio das práticas rítmico-expressivas e das músicas associadas a essas danças. As habilidades trabalhadas no 3º, 4º e 5º anos são específicas para danças do Brasil e do mundo, bem como as danças de

matriz indígena e africana:

(EF35EF09) Experimentar, recriar e fruir danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem; (EF35EF10) Comparar e identificar os elementos constitutivos comuns e diferentes (ritmo, espaço, gestos) em danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana; (EF35EF11) Formular e utilizar estratégias para a execução de elementos constitutivos das danças populares do Brasil e do mundo, e das danças de matriz indígena e africana; (EF35EF12) Identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais e discutir alternativas para superá-las. (BRASIL, 2018, p. 229)

Para Lima (2013) a linguagem, nesse contexto, está na identificação dos costumes, dos ciclos da natureza e da ligação com o sagrado. As línguas indígenas e africanas tiveram grande contribuição para o português do Brasil, especialmente no aspecto oral, pensando na conexão entre educação, cidadania e ética; pensando na linguagem e suas transformações históricas e culturais. A compreensão de algumas expressões através da linguagem poderá funcionar como base teórica nas leituras e construção textual, observando a diversidade e o combate às situações de injustiça, racismo e preconceito, fomentando o pensamento crítico a respeito das realidades no âmbito escolar.

4. Considerações finais

Entende-se a relevância das danças de matriz indígena e africana enquanto elemento de identidade social, dando enfoque aos aspectos culturais, bem como elemento constituinte de símbolos e significados. Os signos representados pela língua surgem na expressão da dança e do uso da linguagem nos vocabulários envolvidos nas músicas indígenas e africanas.

Nesse sentido, compreender a pluralidade de linguagens e a valorização das diferenças culturais constitui um exercício de construção e de fortalecimento da convivência democrática. Pensar na linguagem e suas transformações históricas e culturais contribui na compreensão das expressões da cultura brasileira, desenvolvidas por meio das práticas corporais, inseridas em atividades sociais, colaborando com as outras disciplinas da área de linguagens, códigos e suas tecnologias.

Torna-se fundamental a difusão de trabalhos que favoreçam diferentes abordagens sobre a linguagem corporal por meio das danças indí-

genas e africanas na Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Larissa. *Jongo, expressão da cultura afro-brasileira*. MultiRio, mídia educativa da cidade. Rio de Janeiro. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

_____. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

_____. *Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero/ organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo et al.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRAYNER, Natália Guerra. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. 3. ed. Brasília-DF: Iphan, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de. O que se entende por língua e linguagem? *Museu da Língua Portuguesa*, São Paulo, USP, 2015. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/tipo-biblioteca/lingua-e-linguagem>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

CARVALHO, Fabiana Silveira. *Patrimônio em Campos dos Goytacazes: Possibilidades para a construção de uma educação antirracista*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LIMA, Norma Sueli Rosa. O ensino da língua portuguesa e a Lei nº 11.645/2008. *Linguagem em (Re)vista*, Ano 08, nº 15-16. Niterói, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/15_16/01.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

MENEZES, Arliene Stephanie. *Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar*. Fortaleza: Aliás, 2021.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 46. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos. Semiótica)

SILVA, Marilza Oliveira da. *Danças Indígenas e Afrobrasileiras*. Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, UFBA. Salvador, 2018.